

# Intrépido e Incansável: A Atuação Educacional de Eliseu Coroli em Bragança, na Primeira Metadado Século XX<sup>1</sup>

*Intrepid and Indefatigable: The Educational Performance  
of Eliseu Coroli in Bragança, Pará, in the First Half the 20Th Century*

---

**Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva**

Licenciado Pleno e Bacharel em História pela Universidade Federal do Pará, 2002. Mestre em História pela Universidade Federal do Pará, 2006. Professor Assistente 1 do Curso de História da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança.

E-mail: dario@ufpa.br / dariobenedito@hotmail.com

**Leila do Socorro Rotterdam Oletto**

Licenciada Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, 2004 . Coordenadora Técnica e Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, de Bragança.

E-mail: leilarotterdam@yahoo.com.br

## Introdução

Dom Eliseu Maria Coroli foi responsável por diversas obras que modificaram e deram um novo impulso à cidade de Bragança, Nordeste do Estado do Pará. Vivia-se no ideário de que a modernidade vinha a Bragança pelos trilhos do trem, e acreditava-se ser esta a oportunidade de se chegar ao desenvolvimento tão esperado que o século XX apresentava como modelo e guia.

Sendo considerado pelos seus companheiros da Ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo (barnabitas) como um “intrépido e incansável arauto do

---

<sup>1</sup> Artigo componente dos estudos sobre a educação e a religiosidade em Bragança, Estado do Pará, durante o século XX, com pesquisas já concluídas e em andamento.

Evangelho<sup>2</sup>, o padre italiano, depois bispo prelado, se tornou uma das figuras mais importantes e controversas da recente história da cidade de Bragança, não apenas como um marco balizador de empreendimentos que são considerados atualmente como exemplos, mas da maneira peculiar que influenciou e influencia a trajetória educacional de seus cidadãos.

## Parte da trajetória de Dom Eliseu Coroli de Piacenza à Bragança

No início do século XX, no dia 09 de fevereiro de 1900, nasce Elias Eliseu Ferdinando Coroli, em Castelnuovo Val Tidone, pequena povoação da província de Piacenza, na Itália. Era o quinto filho do casal de camponeses Anacleto Ludovico Coroli e Maria Molinari. Seus pais, mesmo proprietários de terras, viviam humildemente e necessitavam garantir alimentos em grande quantidade para uma extensa prole. Plantavam quase tudo e só compravam o que não podiam cultivar.

Aos cinco anos de idade travou um diálogo inquisidor com sua genitora acerca do que seria a essência da felicidade, demonstrando um desejo de tornar-se uma pessoa feliz, resultando daí a perspectiva de tornar-se sacerdote e missionário<sup>3</sup>.

No início do século XX, cultivava-se entre algumas famílias italianas o desejo de possuir entre seus membros missionários que orgulhassem seus parentes, principalmente na Itália, berço da Igreja Católica. Após a conclusão do quinto ano primário, Eliseu decidiu entrar no seminário. Seu pai o conduziu à Escola Apostólica São Bartolomeu dos Armânios, em Gênova, pertencente à Congregação dos Padres Barnabitas<sup>4</sup>, por engano, pois seu intento era conduzi-lo a uma escola de formação diocesana e não específica de uma congregação religiosa. Mesmo assim, entregou-o nessa instituição em 11 de outubro de 1911.

---

<sup>2</sup> Conforme carta de apresentação de Ângelo Amendola, diácono permanente da Diocese de Villettri, Segni (Itália) aos escritos traduzidos pelos barnabitas e que estão contidos no Arquivo Coroli, de posse das Irmãs Missionárias de Santa Teresinha, alguns deles dispostos à pesquisa.

<sup>3</sup> Conforme diálogo encontrado transcrito em COLARES, Terezinha. O Missionário Feliz. Paragominas: Gráfica e Editora São Marcos, 1997. 359 p. p. 12.

<sup>4</sup> Congregação religiosa e missionária fundada por Santo Antônio Maria Zaccaria e inspirada na obra do missionário São Paulo, conhecida pela sigla CRSP – Clérigos Regulares de São Paulo.

Foi uma maneira de vê-lo inserido naquilo que o menino Eliseu mais desejava: tornar-se sacerdote.

Ficou interno na Escola Apostólica para estudos religiosos e cursava o equivalente ao ginásio, no Colégio Vittorino de Feltre, ambos dos Padres Barnabitas. O próprio nome da escola reflete o caráter de inovação pedagógica imprimida por Feltre, que contrastava com o aspecto triste e carrancuda educação medieval. O objetivo desta escola centrava-se numa formação integral do homem, propondo um programa de estudo onde constava a educação física, moral, estética e intelectual. Foi uma das primeiras escolas particulares da Itália de orientação laica.

Abstraímos assim uma visão da educação que Eliseu recebeu no seu ginásio ao analisarmos o conteúdo de “O Meu Vittorino<sup>5</sup>”, texto traduzido do que está no caderno de anotações de n.º 24 do Arquivo Coroli. Neste escrito, Eliseu relembrou detalhes, nomes e ambientações de sua escola na Itália, traçando um perfil do Colégio Vittorino de Feltre, enfatizando algumas das principais características deste educandário: a grande alegria na formação dos adolescentes, a eficácia do aprendizado, a rigidez da disciplina e da conduta moral recebidos dos Padres Barnabitas.

Outro painel da formação educacional de Eliseu constituiu-se como o que ele mesmo lembra na memória dos tempos. Talvez por seu entusiasmo, alegria e despojamento, já em sua época e nestes locais descritos, era tido como a “peste” do convento.

“quando eu jogava bola era pra vencer! E não admitia um colega em meu time que não se esforçasse pela vitória... Jogava-se como se tivéssemos fogo nas pernas e, como é natural, no jovem, há o desejo de soberba; de acusar os outros quando perde, e querer desferrar-se”. (Cf. COLARES, 1997. p. 13).

Todavia, as autoridades das congregações religiosas da Igreja Católica ainda eram muito fortes, pois para adaptar o indivíduo à sociedade, a pedagogia tradicional acabava cultivando no aluno uma atitude de recepção ao saber instituído<sup>6</sup>. Essa teoria e prática espalharam-se pelo mundo e propunham uma

---

<sup>5</sup> Arquivo da Cúria Generalíssima dos Padres Barnabitas em Roma, Itália.

<sup>6</sup> Devo parte dos fundamentos pedagógicos desse estudo à pesquisa realizada pela Prof.<sup>a</sup> Leila do Socorro Rotterdam Oleto, minha orientanda de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela UFPA Campus de Bragança, em sua Monografia de Conclusão de Curso, do ano de 2004.

mudança educacional voltada ao desenvolvimento da personalidade integral do aluno que lhe despertava a participação ativa no processo de aprendizagem.

Após concluir os cinco anos de Ginásio na Escola Apostólica de São Bartolomeu, Eliseu pediu aos pais permissão para entrar no noviciado em Monza, passando o ano em provas e, em seguida, admitido à profissão dos votos perpétuos em 22 de novembro de 1916. Este foi o último ano em que a Igreja Católica concedeu fazer-se a profissão perpétua nesta idade, aos dezesseis anos.

Em uma de suas raras visitas à família, ainda aos 16 anos, conheceu o livro “Conselhos e Lembranças”, com os pensamentos da então beata Teresinha de Lisieux<sup>7</sup>, que se tornaria mais tarde o seu principal modelo de vida e espiritualidade. Imitando a religiosa e santa francesa, a partir deste conhecimento e da obstinação contra os pecados, principalmente os presenciados durante a guerra, criou um método particular de registros em um caderno, acerca de seus propósitos pessoais, pensamentos, afetos e desejos<sup>8</sup>.

Nas suas anotações pessoais, Eliseu escreve sobre o que para ele representou a Escola Apostólica<sup>9</sup>, configurada num lugar de aprendizado profundo e rigoroso, mas cheio de alegria e prosperidade. Destinado a Lodi para fazer o curso no Liceu Clássico dos Barnabitas, equivalente ao 2º Grau à época, teve que interrompê-lo para servir ao Exército a partir de 21 de abril de 1918, deslocado para a localidade de Novara, onde serviu como soldado do Exército italiano no departamento sanitário.

Segundo Colares<sup>10</sup>, “[o também] Padre Marino Conti, dialogando sobre D. Eliseu, diz que ele pertenceu a uma geração forjada nas dificuldades da guerra, saindo revigorado, com alma de escola”. Terminada a Primeira Guerra Mundial em 1919, Eliseu continuou com seus estudos e conseguiu a maturidade clássica

---

<sup>7</sup> Francisca Teresa Martin, santa católica, nascida na França em 1873, foi uma religiosa pertencente à Congregação das Carmelitas descalças, do Carmelo de Lisieux, mundialmente venerada e conhecida pelos ensinamentos dispostos em seus manuscritos autobiográficos, organizados e reunidos por sua irmã Agnes (Inês) Martin, também religiosa daquela congregação, na obra denominada História de uma alma. Faleceu aos 24 anos em 1897. É umas das santas doutora da Igreja.

<sup>8</sup> Todos os cadernos de anotações pessoais de Dom Eliseu Maria Coroli se encontram no Arquivo Coroli, de posse das Irmãs Missionárias de Santa Teresinha, cuidadosamente conservados e analisados em vista do Processo de Beatificação deste religioso perante a Igreja Católica.

<sup>9</sup> Cf. *idem*.

<sup>10</sup> Cf. COLARES, *op. cit.* 97.

(equivalente ao vestibular atual) em junho de 1920 no Liceu, de Pietro Verri, em Lodi, seguindo para Roma onde ingressaria no Estudantado.

Com o término dos estudos teológicos e filosóficos, chega ao sacerdócio em 15 de março de 1924, dispondo-se às missões, no que foi logo atendido por seus superiores e destinado ao Brasil para o Colégio dos Barnabitas, na cidade do Rio de Janeiro. Realizava, assim, o sonho de ser missionário além-fronteiras e juntar-se aos Padres Barnabitas que já atuavam no Brasil desde 1904.

Chegou ao Porto de Santos em 22 de dezembro de 1924 e apresentou-se a seu superior no Colégio Zacarias, no dia 24 do mesmo mês, na Rua do Catete, 113, onde permaneceu como Vigário (pároco) Coadjutor na Paróquia de Nossa Senhora de Lorêto, em Jacarepaguá, subúrbio da capital federal, Rio de Janeiro, assim como em capelas mais distantes. Sendo o mais novo naquela comunidade, transparecia grande vitalidade e ânsia pela missão assumida em<sup>11</sup> terras estrangeiras, pois “por aqueles trabalhos coadjutorias, mostrou que seria capaz de empreendimentos de máxima envergadura” (COLARES, 1988. p. 32).

Estabeleceu-se no Rio de Janeiro, por cinco anos, trabalhando no Colégio Apostólico. No mesmo ano, em 14 de abril de 1928, o Papa Pio XI, através da bula *Romanus Pontifex*, erigiu a Prelazia de Nossa Senhora da Conceição do Gurupi, confiando-a à administração dos Padres Barnabitas, com seu território desmembrado da Arquidiocese de Belém, capital do Pará. Era um projeto de expansão e de descentralização por que passava a extensa área arquidiocesana que enfrentava problemas com escassez de sacerdotes. Mas Bragança ainda não era parte dessa prelazia.

Interinamente, até a sua chegada ao território da recém-organizada prelazia, o Arcebispo de Belém do Pará, D. João Irineu Jofylli, assume a administração da nova área de evangelização. Daí em diante, padre Eliseu Coroli e mais três outros sacerdotes (Pe. Leopoldo Gerosa, Pe. Roque Carenzi e Pe. Ângelo Moretti) são incumbidos de vir ao Pará onde se estabelece em 22 de dezembro de 1929 e, logo

---

<sup>11</sup> José Meireles Sisnando, um dos alunos de padre Eliseu Coroli na Escola Apostólica de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, contemporâneo da chegada deste padre barnabita ao Brasil, cujo depoimento por escrito se encontra transcrito e analisado no livro *O Missionário Feliz*, da Irmã Terezinha Colares (missionária de Santa Teresinha), lançado em 1997, obra consultada e citada neste trabalho.

“compreendeu que precisava de grande esforço para difundir, o mais possível, o ensino religioso, pois a ignorância sobre os elementos doutrinários consentia no grande mal de que todos os outros vinham em consequência”. (COLARES, 1988. p. 63)

O Administrador Apostólico Francisco Richard na companhia de mais quatro sacerdotes barnabitas (Eliseu Coroli, Ângelo Moretti, Rocque Carezni e Leopoldo Gerosa) chegaram à cidade de Ourém na tarde de 05 de janeiro e no dia seguinte assumiram o controle da então Prelazia do Guamá no Dia dos Reis, 06 de janeiro de 1930, numa missa solene onde leu a bula de tomada de posse com a presença da comunidade. No interior de Ourém, por exemplo, segundo registros de tombo, Eliseu chegou a cumprir mais de duzentos e oitenta dias em desobriga sem retornar a sede.

As distâncias e as dificuldades pareciam maiores do que o empenho desse grupo missionário, devido ao transporte de pessoas e cargas que só eram feitas através de barco e através do Rio Guamá. A Estrada de Ferro de Bragança era a única via férrea que colaborava com o trabalho dos primeiros barnabitas, porém apenas na Região Bragantina. Disso resultou o pedido do Monsenhor Richard ao Núncio Apostólico no Brasil de que a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário (Bragança) fosse anexada à Prelazia do Guamá, o que aconteceu em 1934. Daí, Richard transferiu a sede prelatícia para Bragança, assumindo o vicariato de Bragança com o Pe. Eliseu Coroli a partir daí.

Eis as circunstâncias históricas mais gerais nas quais visualizamos o início dos trabalhos pastorais do então padre Eliseu Coroli a começar pela região do rio Guamá, que almejava uma formação cristã adequada aos regulamentos da Congregação dos Padres Barnabitas, nicho espiritual e moral onde o próprio padre Eliseu compreendeu a responsabilidade de continuar a faceta histórica desta ordem religiosa em terras de missão, como que ensaiando os labores e os sacrifícios que teria de enfrentar anos mais tarde.

“O padre vira e revira todos os igarapés destas freguesias: mas é custoso edificar onde não há base. Enquanto não houve padres fixos nesta matriz, todos a uma voz pediam a presença deles, demonstrando o maior interesse pela religião”.

Quando os padres chegaram, encontraram os cristãos de São Miguel na maior indiferença religiosa. Mal e mal apareceram os meninos e as meninas à missa dos primeiros domingos. O número foi diminuindo cada vez mais, até se reduzir, às vezes, a uma dúzia e até menos. A frequência dos adultos à missa, nos domingos,

nunca foi grande. Ficou, mais ou menos, sob umas 20 pessoas presentes ao Santo Sacrifício dominical<sup>12</sup>.

As dificuldades encontradas por esses padres eram tamanhas e entre elas o analfabetismo, a indiferença religiosa à oficialidade católica, a dispersão da população e, principalmente, a falta de catequistas idôneos, portanto, iniciar um trabalho de base nesta região de missão era um grande desafio, para o qual organização e estratégia eram fundamentais. Isso gerou também a desgastes físicos, como os do padre barnabita Francisco Richard, que debilitado após trinta anos de trabalho, retirou-se da administração apostólica de tão extensa prelazia, exultando com a escolha de seu mais fiel colaborador, padre Eliseu Coroli<sup>13</sup> que daria continuidade à empreita religiosa da ordem.

Assim, “as três [sic] direções encetadas por Dom Eliseu (a catequese, a educação escolar, a assistência hospitalar e a evangelização dos índios)<sup>14</sup> estavam um tanto definidas no projeto dos missionários Barnabitas, cujo “[...] ideal é a instrução daquelas crianças abandonadas pela civilização e condenadas à miséria, ao impaludismo, ao completo alheamento da Pátria<sup>15</sup>”.

As direções supracitadas “não poderiam ser continuadas sem que houvesse um espaldar com a participação das forças locais, que trabalhassem junto aos missionários<sup>16</sup>”, como um apoio para os intentos desses padres. Várias tentativas foram realizadas com o intuito de satisfazer esta necessidade, e várias casas religiosas femininas foram abertas em Belém, porém, sem sucesso.

Todas essas circunstâncias coletivas teriam na pessoa de Dom Eliseu Coroli uma grande repercussão, haja vista que ele trabalharia intensamente em ampliar sua principal influência – religiosa – num contexto social, com ênfase à cultura política e social da época. Não é pretensão esgotar aqui as abordagens em torno do bispo italiano Coroli, mas apresentar alguns fatos que possam mapear sua

---

<sup>12</sup> Registro feito pelo padre Eliseu Coroli nas notas históricas da Prelazia do Guamá sobre a região.

<sup>13</sup> Impressões colhidas conforme Tradução dos Escritos de Dom Eliseu, 2001. Arquivo Coroli. p. 34.

<sup>14</sup> MERCÊS, José Maria Ramos das. Barnabitas 450 anos. Voz de Nazaré, Belém, 22 jan. 1984. Artigo, p. 3.

<sup>15</sup> O ALPHABETO e a palavra de Deus nas selvas brasileiras. Jornal A Tarde, Rio de Janeiro, 22 ago. 1939. Artigo p. 7.

<sup>16</sup> Cf. MERCÊS, op. cit. p. 3.

atuação e algumas de suas contestadas limitações em Bragança e com alguns bragantinos além de atualizar a historiografia acerca da cidade.

Evidentemente, consideramos a questão da experiência e da cultura<sup>17</sup> vivida por nosso sujeito principal – Eliseu Coroli – da Itália ao Brasil, usando aportes teóricos e metodológicos da História Social. Essa recuperação do passado, na multiplicidade das experiências de Coroli, é uma tentativa de revalorizar e rememorar a importância de sua posição histórica, valores e tradições que se transformaram em instrumentos para compreender os múltiplos processos sociais, e que apesar das sérias intervenções de outros sujeitos históricos externos, não podem ser nem esquecidas nem abandonadas, como já sentimos diante do portentoso patrimônio educativo e cultural existente em Bragança.

## As dificuldades e anseios na obra de Dom Eliseu Coroli

Com todas essas dificuldades é que o padre Eliseu começou a considerar a possibilidade de formar professoras e catequistas, o que naquelas circunstâncias ainda não era factível, mas alcançar freiras que o auxiliassem no trabalho educativo se tornava mais fácil, devido suas barganhas religiosas.

Como parte do plano empreendedor da religião na região, em 03 de fevereiro de 1934, um decreto consistorial anexa definitivamente mais três paróquias à prelazia (as de São Miguel do Guamá, São Domingos do Capim e Santana do Capim) e o encarregado dos trabalhos, monsenhor Francisco Richard, nomeia padre Eliseu Coroli como o responsável por essas três paróquias. Este decreto mudou também o nome, a sede e a padroeira da prelazia, passando a se chamar Prelazia de Nossa Senhora do Rosário do Guamá, com sede em Bragança, já anexada ao território.

Em 30 de junho de 1937, em uma de suas viagens à Itália, padre Eliseu doente e o padre Idelfonso Maria Clerici visitaram a Madre Geral das Irmãs

---

<sup>17</sup> No que se refere ao conceito de cultura, chama-nos a atenção Thompson: “não podemos esquecer que ‘cultura’ é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume sob formas específicas das relações sociais e de trabalho” (Cf. THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.22.).



do Preciosíssimo Sangue. Neste diálogo, foram expostas as condições reais da Prelazia e da função difícil de coadjutoria das freiras. A madre demonstrou interesse e simpatia pelo projeto e ficou de lhes dar uma resposta, após uma análise mais profunda.

No dia 9 de dezembro do mesmo ano, a Santa Sé nomeou o padre Eliseu Maria Coroli como Administrador Apostólico da então Prelazia de Nossa Senhora do Rosário do Guamá<sup>18</sup>, cargo em que toma posse no dia 30 de dezembro do mesmo ano. Nesse mesmo período, procurou seus superiores imediatos expondo a intenção de trazer para a Amazônia as Irmãs do Preciosíssimo Sangue com o objetivo de torná-las contribuintes em seus projetos, já que

“seriam estas religiosas-mães e mestras, ‘mulheres de trabalho e oração, como tão bem conhecemos – as primeiras educadoras das jovens caboclas que, formadas na sede principal da missão, daí voltariam para suas vilas’ ”. (MERCÈS, 1984. p. 3)

A personalidade educacional de Eliseu Coroli ganha um novo impulso. Seus objetivos alargam o horizonte das proposições empreendedoras dos Padres Barnabitas seus registros, tão bem conservados e com um envolvente mistério, nunca foram tão bem analisados por historiadores, fato que aumenta e atíça sobremaneira a curiosidade de muitos, ainda hoje. Ficamos muito com as observações do presente, com os discursos em torno da sua figura nos dias atuais, com entrevistas que o descrevem como pioneiro e como apóstolo da religiosidade e da educação nessas terras paraenses.

Seu discurso dá um tom claro dos trabalhos do padre barnabita que pretendia civilizar os povos encontrados nas suas missões.

“Tarde Missionária (Fevereiro – 1938)

Passará essa tarde com os nossos co-irmãos de Turim, de Voghera e com os alunos internos do Real Colégio “Carlo Alberto” de Moncalieri, o Padre Eliseu Coroli fazendo uma palestra ilustrada, com ilides (slides) sobre o tema: Os índios da mata virgem – A vida missionária com as suas fadigas, suas dores e as suas vitórias – o ambiente por nós inexplorado, os valores e as desventuras das criaturas humanas a quem o Missionário quer levar a civilização da Cruz (e) as iniciativas elevadas que a caridade dos resgatados permite realizar (em) prol dos não resgatados. Tudo passará pela tela esclarecida pelas palavras quentes do conferencista, que será a palavra imparcial da experiência”.

---

<sup>18</sup> Nova denominação da Prelazia do Gurupi. Fonte pesquisada no arquivo da Cúria Diocesana de Bragança. Livro de tomo nº. 1, 1930-1946. p. 12. Hoje é a Diocese de Bragança do Pará.

Por circunstâncias tão peculiares, neste momento Eliseu tem a ideia de organizar uma nova congregação. Daí, o germe da Congregação das Irmãs Missionárias de Santa Teresinha começa a se formar, rudimentar, mas com um firme propósito, baseadas num modelo específico, de educação e de religiosidade. O Prelado consegue a autorização e o envio de cinco irmãs para a missão em Bragança junto à madre das Irmãs Preciosinas na Itália, que chegam com ele no dia 12 de agosto de 1938, recebidos com festa pela população<sup>19</sup>.

Essas colaboradoras ocupavam-se com as gremistas de Santa Teresinha, com os doentes, com os estudos da Língua Portuguesa, cozinhar para si e para os padres, além de aulas de pintura e bordado com três ou quatro alunas internas.

Uma das inúmeras impressões acerca da influência do padre Eliseu Coroli está no Relatório do Exercício de 1939, à pagina 49, do Prefeito Municipal Augusto Corrêa, quando se reporta ao relacionamento entre a Prefeitura e a Prelazia do Guamá, no item "Religião".

"CATÓLICA – I – Esta cidade é sede da Prelazia do Guamá e da Paróquia de N.S. do Rosário de Bragança. A prelazia tem por administrador apostólico Monsenhor Elizeu Corolli e a Paróquia como vigário e coadjutor os padres Leopoldo Gerosa e Vitaliano Veri, respectivamente. (...) III – Mantemos as melhores relações com Monsenhor Eliseu Corolli, que se tem mostrado um esforçado pelas causas do ensino e da religião, auxiliando-o dentro das possibilidades do município."

O relacionamento entre a Igreja a Prefeitura se dava de forma cordial, notando-se um deferido respeito de um poder para com o outro, já que se pretendia elevar o nível cultural do município e a sua cultura a partir do ambiente educacional.

## A fundação do Instituto Santa Teresinha

Os padres barnabitas que trabalhavam em Bragança residiam na antiga residência do sacerdote diocesano Cônego Miguel Joaquim Fernandes, falecido em 1904, que a deixou de herança para a Arquidiocese. Quando da vinda dos Barnabitas a Bragança, o arcebispo doou o prédio para a congregação, com um propósito de que não se desfizessem do prédio ou modificassem sua finalida-

---

<sup>19</sup> Na p. 27, do Livro de Tombo da Diocese de Bragança, n.º 1 (1930-1946), encontra-se o histórico sobre a vinda destas Irmãs com todos os pormenores desde a visita à Casa Geral, em Monza, na Itália.

de de moradia. Quando em 12 de agosto de 1938, o Pe. Eliseu chega com a primeiras Irmãs Preciosinas, os padres barnabitas deixam a casa e se mudaram para uma casa bastante danificada que estava localizada no quadrilátero onde atualmente está o prédio do Instituto Santa Teresinha e onde funcionou a antiga sede dos Correios na cidade<sup>20</sup>.

Foi por intermédio do Prefeito Municipal à época, Augusto Corrêa, do Juiz de Direito e de seus propósitos pessoais, padre Eliseu tomou à frente a fundação de uma Escola Normal apenas três meses depois de voltar da Itália. Ele visita o Interventor Federal no Pará, José Carneiro da Gama Malcher, solicitando a equiparação dos cursos Primário e Normal do Colégio Santa Teresinha que ele ainda iria fundar à Escola Normal do Estado<sup>21</sup>, obtendo resposta positiva mesmo sem todo o atendimento às exigências da época para o seu funcionamento<sup>22</sup>. O Interventor não só deu seu aval como providenciou junto a seus assessores, de forma gratuita, toda a documentação para a equiparação do Colégio.

No dia 23 de novembro de 1938, o Sr. José Carneiro da Gama Malcher assinou o decreto de equiparação à condição de Escola Normal do Colégio Santa Teresinha, notícia festivamente recebida pelos senhores bragantinos mais abastados, que antes enviavam seus filhos para a capital do Estado a fim de continuarem sua formação intelectual. As aulas só iniciaram no mês de fevereiro de 1939, com uma turma de dezoito meninas e um único menino.

Decisivamente, uma contribuição ao pioneirismo educacional nesta região da Amazônia e que mais uniria as famílias permitindo uma educação melhor a vastíssima prole de meninos e meninas bragantinos e do interior<sup>23</sup>.

O Colégio Santa Teresinha era a terceira Escola Normal do Pará, estando as outras em atividade nas cidades de Belém e Santarém. Em seguida à equiparação, o Prelado começa imediatamente a comprar móveis, utensílios e materiais para o funcionamento do colégio, que visava atender toda a região. Para que isso fosse exequível, a organização de um internato era gesto

---

<sup>20</sup> Conforme informações colhidas em entrevistas com Maria de Nazaré Alcântara de Oliveira em pesquisas entre os anos de 1999.

<sup>21</sup> Cf. *idem*, p. 30.

<sup>22</sup> Conforme relatos orais da Ir. Janete Torres, missionária de Santa Teresinha, secretária do processo de beatificação de Dom Eliseu Coroli e responsável pela guarda dos documentos do Arquivo Coroli.

<sup>23</sup> Carta destinada às famílias bragantinas, datada de 26 de novembro de 1938.

providencial. De acordo com Colares (1988. p. 5.) “no dia onze de dezembro de 1938, o jornal ‘O Bragantino’, publicava a primeira página, referindo-se ao decreto de fundação do colégio”, que a cidade tinha mais um importante e útil melhoramento.

O nome do Colégio não visava só homenagear a santa que na Igreja Católica é considerada a padroeira das Missões e atualmente doutora da Igreja, mas expressava toda a sua fidelidade cristã, ao confiar, sob o auxílio e intercessão da santa francesa, todos os trabalhos, chegando a constituí-la ecônoma do empreendimento, o que fazia padre Eliseu crer que todos os recursos necessários à conclusão da obra eram concedidos por intermédio de graças especiais providas da santa padroeira.

Percebemos o grande poder de organização desses padres, seja por sua formação, seja pela obediência aos desígnios e ordens internas de sua congregação religiosa. A tudo relatavam com uma precisão invejável e inquestionável, com riquezas de detalhes, o que também aconteceu com a fundação do colégio, inclusive com a imagem dos sujeitos a serem educados e formados pelos padres.

“Jesus Menino sorri sobretudo a todas as crianças... Ao lado do Menino Jesus, portanto, no Menino Jesus eu vejo todos os milhares dos meus... ou melhor dos nossos meninos... São crianças brancas, são amarelinhas, são escuras, são negras, são de todas as cores, de todos os matizes sepultadas no fundo das matas... Diante do presépio de Jesus Menino não se pode deixar de amá-las, de fazer todos os sacrifícios para a salvação das suas alminhas”.<sup>24</sup>

As professoras do curso primário e primeiras colaboradoras diretas de Monsenhor Eliseu, no Instituto Santa Teresinha, foram Theodomira Raimunda da Silva Lima e Isabel Ribeiro de Almeida, professoras que vieram para Bragança com suas famílias e depois conceituadas na sociedade bragantina pela disciplina e rigor técnico.

De um lado, as professoras acreditavam no projeto educativo do religioso – dedicando-lhe tempo, trabalho, acompanhamento dos alunos, etc. – com a prestação de serviços. De outro, com a confiança do religioso em se apoiar no trabalho dedicado das professoras leigas – suas colaboradoras na organização daquele ano escolar – e na parceria obtida para que sua obra educacional fosse

---

<sup>24</sup> Conforme tradução dos escritos de Dom Eliseu, 2001. Arquivo Coroli. p. 44.

levada adiante, até que a finalidade primordial do seu Colégio se completasse: “preparar jovens, que levando uma vida consagrada a Deus, ajudassem na evangelização de sua terra<sup>25</sup>”.

Monsenhor Coroli encontrou na sua congregação de origem, a dos Clérigos Regulares de São Paulo ou Barnabitas, o apoio para a construção do Colégio, firmando um convênio que em seu primeiro item especificava que “a Prelazia do Guamá concede à Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo Apóstolo (Barnabitas) e faculdade de construir com suas despesas e em sua propriedade, um Colégio, na cidade de Bragança<sup>26</sup>”.

Mesmo apoio encontra na sociedade bragantina, pelo seu conhecimento e entrosamento social e político. Até nos recolhimentos de esmolas e ofertas das igrejas, onde porventura estivesse celebrando missas fora do Estado, organizavam-se doações para a construção e melhoramentos do Colégio Santa Teresinha.

Até que no dia 1º de dezembro de 1939, uma reunião dos Padres Barnabitas consultores da Prelazia, findaria por decidir pela edificação do prédio próprio para sediar o colégio<sup>27</sup>. Para um empreendimento desta envergadura, o então Administrador Apostólico iniciou a compra dos terrenos no quadrilátero onde se situa atualmente o Instituto Santa Teresinha, entre a Praça das Bandeiras à frente, Travessa Padre Gerosa por trás, Avenida Nazeazeno Ferreira à direita e Rua Treze de maio à esquerda, no centro urbano de Bragança.

O lançamento da pedra fundamental do Instituto Santa Teresinha foi realizado numa pomposa celebração no dia 05 de julho de 1940. Muito interessante a carta do já bispo Eliseu acerca desse fato, à Itália, possivelmente em agosto ou setembro de 1940.

“Devemos confessar que foi uma coisa muito solene. No mesmo dia festejamos o IV Centenário da morte do nosso santo pai. Por disposição do prefeito da cidade, o comércio ficou fechado até às 9 horas, afim de que todos pudessem participar das funções. A festa foi muito animada. Às 6 e meia saía da Igreja paroquial uma bonita procissão, composta pelas Associações Religiosas e confrarias. O Apostolado da Oração levava a imagem de Sagrado Coração de Jesus, os jovens da

---

<sup>25</sup> Retirado de Os Cinqüenta Anos do Instituto Santa Teresinha. Bragança, 1988. p. 3.

<sup>26</sup> Cf. COLARES, op. cit. p. 125.

<sup>27</sup> Livro de Tombo da Diocese de Bragança, n.º 1 (1930-1946). p. 41.

Ação Católica do Colégio levavam a imagem de Santo Antonio Maria Zacaria e as crianças do colégio, a de Santa Teresinha".<sup>28</sup>

Entretanto, a rigidez no ensino e na doutrina existente no Colégio Santa Teresinha era atenuada com um novo elemento até então inédito, quando a referência de seu fundador eram os seminários de tradição tridentina ou ultramontana. Esse novo elemento seriam as diversões permitidas e entendidas como salutaras. Destacaram-se nessas diversões as peças teatrais, que em diversas ocasiões foram apresentadas a um público externo aquele do colégio, como autoridades, por exemplo.

Era por demais conhecido o apreço pela arte dramática que o bispo de possuía para com essa arte do teatro, não menor à música, e que permaneceu por toda a sua vida e perfil educacional.

Dentre os resultados desse método, o objetivo de atingir a juventude com os preceitos católicos moralizadores continuava a merecer a atenção do bispo prelado. Podemos perceber que, desde a inauguração do colégio, o discurso utilizado por Dom Eliseu sempre foi conduzido pela valorização da autêntica educação cristã como sustentáculo da sociedade e a formação de catequistas para a Igreja.

A juventude seria, portanto, uma grande força que poderia ser facilmente aproveitada para o bem da religião católica. E, segundo o pensamento desse prelado, o modo adequado para essa juventude contribuir para a religião seria incentivá-la na prática de princípios sãos, aos sentimentos elevados da piedade, à noção do dever e ao respeito para com os superiores civis ou religiosos.

Entretanto, se deixada a inclinar-se para comportamentos diferentes daqueles, estaria ela se desviando do caminho imaculado da religião. Assim, se a educação não fosse baseada nos moldes da moral cristã, acreditava Dom Eliseu que a formação de homens e mulheres úteis à família e à sociedade estaria comprometida.

Desse modo, é possível apresentar um perfil do professor e o educador Eliseu Coroli como o responsável pela condução dessa formação: o trabalho, pois, do educador, não era outro senão o de vigiar as más tendências, tentar corrigi-las com meios mais adequados e até brandos já ao primeiro despontar

---

<sup>28</sup> Conforme tradução dos escritos de Dom Eliseu, 2001. Arquivo Coroli. p. 49

assim como incentivar bons propósitos, estimulando os alunos ainda jovens para as práticas virtuosas e para o trabalho.

Outra característica, talvez a mais marcante e surpreendente para seus contemporâneos, pelo menos nos relatos orais em entrevista sobre Eliseu Coroli era a manutenção de um sorriso constante, muito próprio e adquirido em sua formação educacional por influência do humanista Vittorino de Feltre, o que encantava a todos os que o acompanhavam ou por ele eram acompanhados, desde os tempos do Colégio Santa Teresinha.

Um claro exemplo das intenções pioneiras de Dom Eliseu se deu quando do início das aulas noturnas do Instituto Santa Teresinha e que ele deixou registrado em carta, como um relatório, destinada à Itália em 20 de fevereiro de 1941.

“A Escola Normal de Bragança.

No curso Normal temos 47 alunas, no curso Primário pouco mais de oitenta. As alunas internas são umas trinta.

Em 1º de março começaremos uma Escola noturna (a noite, logo depois do por do sol, na mesma hora, cada dia do ano, é já noite escura) para os empregados do comércio de Bragança. Podemos assim reunir também um pouco de jovens, que estão muito longe das práticas religiosas”.

Situam-se dois elementos fundamentais do educador em questão: o sorriso e a formação integral. Com relação à comprovação disso, no monumental conjunto dos quadros de formatura, elevados na sala de entrada principal, no segundo pavilhão do Instituto Santa Teresinha, se pode ler “Semear a alegria” (1943) e “Ensinar para alegrar” (1948)<sup>29</sup> junto à filosofia da escola por ele anunciada de que “Educar é não somente instruir. Instruir bem e preparar para a vida”.

Nem todos os professores e colaboradores da época, sendo padres ou freiras, possuíam esse mesmo espírito, mas foi ele, como idealizador do colégio, quem traçou as normas da escola, exigindo metodicamente de todos os seus auxiliares na educação, uma postura de bom professor, ao menos para a época.

Até mesmo um prefeito amigo de Dom Eliseu e colaborador da obra do Instituto Santa Teresinha, legitimou os conselhos e objetivos do barnabita. Como uma das fontes para se analisar o assunto, encontramos também um atestado administrativo de Oscar Aciolli de Vasconcelos sobre o colégio, certamente, com a finalidade de lembrar e certificar a validade da proposta de padre Eliseu.

---

<sup>29</sup> Observações a partir de visita ao Instituto Santa Teresinha.

“Eu, abaixo assinado, Oscar Aciolli de Vasconcelos, Prefeito Municipal de Bragança, atesto de ciência própria, que (...) a abertura do Ginásio Sta. Teresinha (...) a satisfação foi geral: não somente para Bragança como também para as pequenas cidades vizinhas. (...) O Ginásio Sta. Teresinha (e) o Instituto Santa Teresinha tornaram-se uma verdadeira necessidade para toda a zona da Estrada de Ferro de Bragança além de Vizeu e o Guamá. O número de alunos, relativamente, avultado e em contínuo aumento está a demonstrar que não é mais possível fechar o dito Instituto e muito menos, o Ginásio. (...) Atesto que correspondem fielmente à verdade (...)”.<sup>30</sup>

Sagrado bispo em 13 de outubro de 1940, Dom Eliseu já contabilizava inúmeras viagens ao interior da prelazia, inclusive aos índios da região, obras em construção – como a do Instituto Santa Teresinha –, a parceria com o poder público local e ações de evangelização que fazem parte hoje do seu patrimônio como evangelizador e administrador, especialmente pela constituição de sua principal obra religiosa: suas queridas filhas, reunidas na Congregação (Sociedade) das Irmãs Missionárias de Santa Teresinha e que são a salvaguarda do patrimônio Coroli.

## A questão do Colégio, a mobilização popular e algumas contrariedades

Um fato é marcante na década de 40 e que marcou os empreendimentos de Eliseu Coroli na Educação bragantina: a questão da posse do Colégio Santa Teresinha pelos militares no período da II Guerra Mundial.

A obstinação de Monsenhor Eliseu Coroli pela educação foi tamanha a ponto de remeter ao Ministério de Educação e Saúde Pública (criado em 14 de novembro de 1930) os relatórios quantitativos e qualitativos de atividades e de resultados, em nome da Prelazia do Guamá, então órgão mantenedor do Colégio Santa Teresinha, para chamar a atenção à adequação ao modelo de disciplina que estava em vigência no país. Seus relatórios podem se constituir como provas de um trabalho ordeiro e legítimo. Mas nem tudo foram sucessos.

Segundo os documentos encontrados e correspondências, em 07 de outubro de 1941, Dom Eliseu escreve aos seus padres sobre o estado de alerta que o envolvia e aos padres de origem italiana, recomendando prudência e

---

<sup>30</sup> Dados obtidos em pesquisa no Arquivo Histórico e Documental da Prefeitura de Bragança.



colaboração com as autoridades brasileiras, já que estavam rompidas as relações diplomáticas do Brasil com a Itália e a Alemanha. Ele recruta os padres na observância das leis brasileiras e no seu fiel cumprimento, como proteção individual e avisa do perigo da campanha da imprensa brasileira contra os padres de outra nacionalidade em especial italianos e alemães, e do sério risco de que esses padres fossem transferidos para a capital do Estado.

Mesmo assim, com uma riqueza impressionante de detalhes em seus escritos, hoje em uma documentação diversificada em cartas, ofícios, anotações pessoais, anotações religiosas, Eliseu deixa um valioso registro quando a questão da tomada do Instituto Santa Teresinha pelo Exército, ao dizer que “perdemos o nosso Colégio, mas não perdemos a nossa alegria e nem a nossa paz. Vamos construir outro”<sup>31</sup>.

Um ano mais tarde, em 22 de novembro de 1942, uma comissão militar liderada pelo major Luís Pires de Camargo e pelo capitão Dias Neves visita o prédio do Colégio Santa Teresinha ainda em construção levado pelo prefeito Augusto Corrêa, considerando-o adequado para a instalação de uma unidade militar, solicitando ainda que a residência dos padres servisse de moradia para as autoridades do Exército que ficariam em Bragança.

No final de dezembro de 1942, Eliseu foi chamado à Belém pelo coronel Euclides Zenóbio da Costa, comandante da 8ª Região Militar, que exigiu a cessão do prédio do Colégio em construção pelo preço de sessenta mil cruzeiros, ficando por conta da então prelazia a finalização da obra. É interessante que nesse sentido, o general fez Eliseu compreender que não estava disposto a discutir a questão, deixando claro que tinha outros meios para resolver o impasse caso o bispo não cedesse o Colégio para a instalação da unidade militar. Ainda ouviria as opiniões de padres como Paulo Beloli e Afonso di Giorgio, além do engenheiro Cláudio Chaves sobre a questão, aceitando depois a proposta de venda e de assumir o término da construção<sup>32</sup>.

Eis que em janeiro de 1943, o primeiro contingente do 35º Batalhão de Caçadores ocupa o Colégio ainda em construção. A saída apontada pelos padres barnabitas em reunião era a de construir outro prédio que servisse aos objetivos

---

<sup>31</sup> Conforme informações colhidas em entrevistas com a Ir. Janete Torres, mst., no mês de agosto de 2008.

<sup>32</sup> Livro de Tombo da Diocese de Bragança, n.º 1 (1930-1946). p. 47

educacionais do futuro Instituto Santa Teresinha no terreno ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário ou nos fundos do prédio já em construção.

Em 21 de fevereiro de 1943, Dom Eliseu é notificado da nomeação de Joaquim Magalhães Cardoso Barata como interventor federal em substituição a José da Carneiro da Gama Malcher. O prefeito eleito era Joaquim Lobão da Silveira que era professor do Colégio Santa Teresinha, em substituição a Augusto Corrêa.

Esse fato dá início a uma mobilização popular, a partir de um telegrama dos bragantinos ao interventor federal com trezentas assinaturas pedindo a devolução do Colégio à prelazia. Com a chegada de um novo comandante para o batalhão em Bragança, Francisco de Paula Cidade, em 03 de junho de 1943, Dom Eliseu participa da recepção ao general, com saudação feita por uma aluna do Colégio e um desfile de alunos. A Prefeitura ofereceu um banquete de acolhida ao general, que visitou o prédio e dirigiu uma fala às Irmãs Preciosinas e às alunas, sem referir-se à questão do prédio, um grande problema a ser resolvido.

A negociação pela devolução do Colégio a Dom Eliseu duraria ainda mais um ano, quando em 29 de dezembro de 1943 ele recebeu a proposta do comandante da 8ª Região Militar oferecendo a devolução do prédio mediante o pagamento integral de trezentos contos de réis, uma quantia alta para Eliseu e para os Barnabitas, que foram comunicados por circular do bispo, mas que foi providenciada.

Somente em 04 de março de 1944, Dom Eliseu e o padre Luís Gonzaga Freire de Almeida, que era diretor do Colégio Santa Teresinha, foram recebidos no quartel pelo general Francisco de Paula Cidade, quando o bispo entregou ao general a quantia pretendida, através de um cheque que devolvia a quantia recebida do Exército para a conclusão da obra e que asseguraria novamente a posse do Colégio à Prelazia, que havia sido desapropriado para o 35º Batalhão de Caçadores. Mas vinte dias depois, um decreto presidencial anula a desapropriação do prédio em Bragança, mas ainda com a permanência de cerca de trezentos soldados, que só sairiam de Bragança em 16 de fevereiro de 1945, ao final do conflito mundial.

Dom Eliseu era um grande observador de toda a legislação por que passava a Educação no período de organização e de afirmação do seu Colégio

Santa Teresinha e ainda dos momentos em que estava com as autoridades políticas e militares do Estado, com notas históricas em livros de tomo que atestam sua preocupação com exames dos documentos e cursos ofertados pela escola, por exemplo quando notifica aos seus Padres Barnabitas da então Prelazia do Guamá a visita do inspetor federal e do inspetor de Educação junto ao colégio, em 17 de dezembro de 1943, relatando que este último “passou várias horas examinando documentos, provas de alunos, livros etc. e que manifestou ótima impressão”, ou ainda quando oferece, na mesma data um banquete para recepcionar o interventor federal, dizendo que “ele ficou admirado com a nossa Escola”.<sup>33</sup>

No entanto, alguns problemas chamam a atenção, ocorridos em 1944, ano da possibilidade de ampliação do terreno do Colégio Santa Teresinha, com uma atuação contrária a Dom Eliseu, vinda do Grêmio Bragantino, fundado em 1933, liderado pelos bragantinos e irmãos Armando Bordallo da Silva, Bolívar Bordallo da Silva, Luiz Paulino dos Santos Mártires e Franco Mártires, que publicavam em várias edições a Revista Bragantina<sup>34</sup> que teve existência de 1928 à década de 1950. Esse segmento social era resultado da opulência familiar como que um resultado dos lucros obtidos com a presença da Estrada de Ferro de Bragança-Belém, fundadora de associações recreativas e culturais e grêmios, como esse.

Armando Bordallo da Silva, um dos diretores do grêmio e segundo suas informações, veio à Bragança no dia 10 de junho de 1944 para acompanhar o caso do muro que estava sendo construído na parte externa do Colégio Santa Teresinha, o que resultou em sua acusação contra Eliseu Coroli de obrigar os moradores do quarteirão vizinho a venderem suas moradias (barracas) por um valor abaixo do preço de custo e atentar a estética da cidade. No tomo prelatício, Eliseu escreve:

---

<sup>33</sup> Conforme Carta Circular n.º 16, de 17 de dezembro de 1943, aos Padres Barnabitas da Prelazia do Guamá, presente no Arquivo da Cúria Diocesana de Bragança.

<sup>34</sup> A Revista Bragantina, em três edições, publicada nos anos de 28, 30 e 31, sob a chefia dos irmãos Bordallo da Silva (Armando e Bolívar), já que pertencia ao Grêmio Estudantino, órgão fundado por eles. Na década de 50, ela torna a circular com mais uma edição, desta vez com a organização de Jorge Ramos, Luiz Paulino dos Santos Mártires e Quintino Leão. Outro meio de circulação foi o Almanach, dos irmãos Bordallo da Silva, que foi publicado ente 1937 a 1940. Esses periódicos traziam amenidades e uma série de informações que compuseram uma faceta da imprensa bragantina no início do século XX.

“É falso. Ninguém foi obrigado a vender e, sim, convidado: quem não aceitou o convite, ficou em sua barraca. Não foi a Prelazia que determinou o preço e sim, o Dr. Lobão da Silveira, Prefeito do Município quem o apresentou aos interessados. Quanto a estética foi o próprio prefeito quem convidou a Prelazia a fechar a rua a qual passa atrás do Instituto”.

Devido a isso e com as informações prestadas por Luiz Paulino dos Santos Mártires, Presidente do Grêmio, em Belém, o Interventor Magalhães Barata mandou suspender a construção do muro do Instituto Santa Teresinha, o que vem a calhar no que se refere às finanças da prelazia, que não possuía recursos para continuar a empreita. Contudo, era objetivo do bispo ter um terreno maior, mesmo porque já existia um novo prédio aos fundos da escola construída, onde já estavam funcionando a casa das Irmãs Preciosinas, que o auxiliavam na escola.

Esse fato só é resolvido a partir dos últimos três anos da década de 1940, quando vários outros assuntos iriam perturbar a até então tranquila administração do bispo Coroli. Com a posse de Oscar Aciolli de Vasconcelos, em 15 de março de 1948, no cargo de prefeito de Bragança, solenidade abrilhantada com a presença do então governador do Estado major Moura Carvalho, se constata a necessidade de entregar à prelazia o quarteirão nos fundos do colégio e de fechar a rua que separa os dois quarteirões, liquidando o assunto a favor do bispo, no tomo de 15 de março de 1948:

“Cousa notável: na festa do Sr. Prefeito, não obstante a embriaguez, a vitória política e a presença de pessoas de Belém, não houve bailes. À noite deste dia, houve um festival”.

Nesse sentido, Eliseu foi extremamente importante e sua atuação decisiva ao estimular uma formação escolar baseada nos preceitos do Estado brasileiro e de congregação religiosa missionária em região de missão além-fronteiras, afirmando seus empreendimentos como o do Colégio (e depois Instituto) Santa Teresinha. A cidadania, pleno exercício de direitos e deveres, como se concebe, se enquadrava até mesmo no lema de seu Instituto – “por Deus e pela Pátria” – para ajudar a todos na reflexão, como cita seu confrade barnabita:

“Dom Eliseu não era político, mas sabia que a política podia lhe ajudar no desenvolvimento educativo, econômico e social da terra. Era o instrumento de Deus para realizar o que faltava, e nas mãos da Prelazia tudo dava certo. Nas mãos dos

políticos nada crescia; nas mãos da Prelazia tudo se realizava, era natural, pois ninguém de nada se aproveitava”.<sup>35</sup>

## Premissas conclusivas

Em oitenta e dois anos de vida, cinquenta e dois deles dedicados à Região Bragantina, Eliseu Coroli construiu aquilo que podemos hoje denominar de “patrimônio Coroli”, não só um patrimônio físico, como demonstra as imponentes obras por ele fundadas em Bragança e que até hoje beneficiam expressivamente a população, mas também um patrimônio espiritual que foi o propósito da missão na Amazônia, pelos padres barnabitas que desejavam salvar os caboclos de toda forma de analfabetismo, principalmente do conhecimento de Deus e da religiosidade.

Seus ex-apostólicos afirmavam que o padre Eliseu era muito exigente na disciplina e na responsabilidade, porém, conservava uma amizade por todos. Dividia com eles os trabalhos, os jogos e ajudava especialmente os mais fracos nas disciplinas em que apresentavam dificuldades, principalmente em Matemática, a qual o tornou celebrizado anos mais tarde, quando da sua atuação como professor desta disciplina no então Colégio Santa Teresinha, de Bragança, nos idos de 1940.

### Padre José Meireles Sisnando continua seu depoimento

“segundo ouvi dizer, antes da vinda para o Brasil, Pe Eliseu estudou pedagogia com eminente Barnabita. Era natural que cheio de ardor juvenil, procurasse utilizar os conhecimentos pedagógicos”. (COLARES, 1997 p.32 et seq.)

Podemos começar a vislumbrar o perfil educador de Eliseu Coroli que em Bragança queria tão somente ajudar no crescimento do povo que lhe foi confiado, em fé e em educação, assim como em outras obras que ele criaria nos anos de sua atuação, conseguindo esses feitos até mesmo com a atuação política e social que lhe era conveniente à época.

No decorrer do trabalho notou-se a importância que este padre barnabita alcançou na região em que atuou. Sua presença é marcante nas obras que fundou e no pioneirismo da formação de professores no interior

---

<sup>35</sup> Cf. BRAMBILLA, Luciano; MEIRELES, Vera Maria de Barros; SILVA, Leida Almeida da. Vocações. Belém: s.e., 2003. p. 26.

do Pará, sempre com uma intencionalidade cristológica, com métodos eficientes para que esta se mesclasse com as intenções de melhoramento em geral das condições de vida social, econômica e cultural da população destes arredores da Amazônia.

Seu empenho pessoal e como membro de uma ordem religiosa, enfrentou ainda vivo diversos problemas, como a crise financeira em várias de suas obras, como o próprio Instituto Santa Teresinha e a Rádio Educadora de Bragança. Colocava a sua confiança na religiosidade, mas conseguiu vencer esses graves desafios.

Com esta forte e constante carga espiritual, Eliseu Coroli, um homem místico, mas também um líder religioso criou obras de apostolado em prol das necessidades mais evidentes do período entre as décadas de 30 e 60 em Bragança. Em menos de 30 anos, por exemplo, seu trabalho na educação à distância, chegava a 950 filiais das escolas radiofônicas e a mais de doze mil alunos matriculados no Sistema Educativo Radiofônico de Bragança (SERB). Fala-se hoje de suas obras como exemplo de virtuosismo de sua experiência como padre, bispo e administrador apostólico da imensa extensão territorial da extinta Prelazia do Guamá, hoje Diocese de Bragança.

Esse cuidado e o aperfeiçoamento na educação e na manutenção de uma obra de tamanha magnitude – não somente do Instituto Santa Teresinha – foi bastante eficaz para a sua permanência no território nacional, já que, por ser italiano, poderia sofrer as sanções do Estado varguista, que via na presença desses imigrantes a proliferação de idéias anarquistas, sindicalistas e comunistas, por serem representantes de uma possível desordem social que o Estado visava eliminar ou perseguir, além do rompimento de relações diplomáticas entre o Brasil e a Itália.

O tempo histórico em que Eliseu Coroli atuou poderia até não ter permitido atitudes tão ousadas na educação de jovens, em especial, de novos professores. Esse aperfeiçoamento de orientações, que incluía a permanência de modelos europeus e de cunho religioso na sua atuação educacional foi pioneiro no Brasil e na Região Bragantina nas primeiras décadas do século XX.

Chama a atenção os fatos que ilustram e reforçam esta ação desenvolvida no colégio e na congregação que fundou estão contidos na visita de meia hora concedida a ele pelo Sumo Pontífice Paulo VI, de 6 de fevereiro de 1975, na

qual Eliseu relatou a alegria de ser missionário, o que o próprio pontífice fez questão de realçar, como segue.

“Na quarta-feira seguinte, dia de cinzas, num sermão quaresmal na Basílica de São Pedro, Paulo VI referiu-se ao pensamento que o nosso bispo lhe havia ilustrado, publicado depois no *L'Osservatore Romano*: ‘Um missionário, que nestes dias, veio visitar-Nos, falava-Nos dos resultados felizes de uma iniciativa, seu intitulado Apostolado da Alegria. Porventura não é esta uma autêntica e sábia interpretação do Evangelho, mensagem da boa nova?’ (BARNABITAS NO BRASIL, op. cit. p.101).

Encontramos este modelo encarnado na profissão de votos da congregação criada por ele, com ênfase aos votos de castidade, pobreza, obediência e, no notadamente autêntico, apostolado da alegria, já que Dom Eliseu desenvolvia um trabalho pedagógico pautado na alegria, no prazer e bem-estar, o que era fundamento de sua espiritualidade desde a juventude, tanto que “no seu emblema episcopal quis o lema: ‘Filhinhos paz e alegria’ e nas suas cartas apareciam sempre jaculatórias<sup>36</sup> e invocações a Jesus, Maria e José: alegria, amor e vida<sup>37</sup>”.

Como também enfatiza o bispo Andrea Maria Erba, de Velletri, Segni (Itália), na dedicação de Eliseu às crianças e com afeto especial às famílias, inclusive dividindo com elas as responsabilidades na formação integral de seus filhos, para obterem os lucros de uma educação segura e capaz de formar os cidadãos. D. Andréa destaca esse fato apoiando-se nas obras de Eliseu como missionário na Região Bragantina, como bem o faz no *Jornal L'Osservatore Romano*, à página 4, da edição italiana do dia 9 de fevereiro de 2000, data em que Eliseu Coroli completaria seu centésimo aniversário, quando “edifica belas Igrejas e capelas, jardins de infância e escolas. Dedicou-se à formação de novos leigos do povo de Deus, com olhar de predileção para as famílias e crianças”.<sup>38</sup>

Assim, ao analisar Eliseu Coroli, não podemos diferenciar, ou até mesmo separar, o homem religioso do administrador, pela essência da própria natureza religiosa e sociológica que via na escola uma família, fato demonstrado nos documentos e regulamentos que escreveu e, em especial, ao fato de chamar

---

<sup>36</sup> Jaculatória: frase, palavra religiosa, indulgência.

<sup>37</sup> Conforme textos extraídos dos arquivos da Cúria Generalíssima dos Padres Barnabitas em Roma, Itália.

<sup>38</sup> Conforme tradução dos escritos de Dom Eliseu, 2001. Arquivo Coroli. p. 127.

todos os alunos, indistintamente, de “minhas crianças”, expressão carinhosa que perdurou por toda a sua trajetória, até os últimos dias de sua vida<sup>39</sup>.

Porém, nem todos os pensamentos são favoráveis aos Padres Barnabitas ou diretamente a Dom Eliseu Coroli, como o comentário encontrado no jornal intitulado “Matuto Ilustrado” quando um contemporâneo da década de 1940 que assinava pela alcunha “Thomaz de Aquino”, dá uma opinião ambígua sobre a forma de atuação e empreendimentos dos padres, o que se choca com diversos pensamentos e afirmações que se tornaram hegemônicas em favor desses religiosos.

“(…)Negar que os padres barnabitas trouxeram um novo surto de progresso intelectual às novas gerações e em rasgos de uma ousadia dinâmica que ultrapassa as raiais do heroísmo, terem levantado construções que são outros muitos tantos templos majestosos e imponentes, elevando Bragança ao nível de cidade moderna, seria decair na mais vil degradação para justificar a opinião, de espíritos de contradição aferrados a suas idéias retrogradas e incongruentes...” (No Patal, 14.11.1949).<sup>40</sup>

Dom Eliseu é lembrado pela imagem de um educador que exigia, vigiava, ditava regras metódicas, mas que era maleável e sensível em algumas oportunidades, não alterava a voz, não brigava, mas levava à reflexão, ao aconselhamento a quem educava com doçura e mansidão pois,

“Que conheçam e amem realmente nosso Senhor Jesus Cristo e a Virgem Maria e aos que assim alcancem a salvação eterna. O que nos interessa é exatamente isto! (...) Doçura não é fazer todos os caprichos da criança... Consiste na paz revestida de bondade, de compaixão, de desculpa, de perdão. Consiste na calma, no domínio de si mesmo; consiste nas palavras apropriadas. Consiste no modo delicado... No sorriso sobrenatural. Consiste sobre tudo no amor que dedicamos à criança, por amor a nosso Senhor Jesus Cristo. A paciência é estátua fria, calada, não castiga também não acaricia, não repreende também não anima. A doçura é “bom humor” constante: sempre sereno e sempre alegre. (FERNANDES, op. cit. p. 42)<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> Impressões colhidas em entrevistas orais a respeito do comportamento de Eliseu Coroli, no decorrer da pesquisa, em visita ao Arquivo Coroli e arquivo particular da Secretaria do Instituto Santa Teresinha. Este vocabulário próprio de Eliseu vinha acompanhado pelo gesto, também particular, de “esfregar as mãos” enquanto conversava.

<sup>40</sup> Jornal do Caeté, 20.11.1949, n.º 180, In: SILVA, Dedival Brandão da. Os Tambores da Esperança: um Estudo Antropológico sobre a Construção da Identidade na Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança. Belém: Falângola Editora, 1997. p. 42.

<sup>41</sup> Cadernos manuscritos de instruções de Eliseu Coroli, destinado às Irmãs ou às futuras professoras. Arquivo Coroli.



Isso, por fim, acabou abrindo espaço para a afirmação, em nossa região, do “modelo Coroli”, que o tornaria um símbolo para a época, num mosaico muito bem construído e que atendia aos apelos que a educação necessitava nas terras de missão no início do século XX e que, no imaginário popular, seria o grande benfeitor da sociedade bragantina e regional, a exemplo do próprio Pai Celeste.

Nas impressões colhidas por ocasião dos 70 anos do Instituto Santa Teresinha, em 2008, lemos a notícia dos próprios Barnabitas sobre as obras de seu irmão na Amazônia, reunidas em uma encadernação organizada. Essas informações foram utilizadas inclusive no processo aberto pela Igreja Católica pleiteando a beatificação e posterior canonização de Eliseu Coroli.

E a história de sua atuação não só atesta um empreendedorismo de Dom Eliseu Coroli, mas todo o seu cuidado pela religiosidade e pela garantia de professores e catequistas melhor preparados. Não só isso, mas um profundo desejo de ver, nas terras do Caeté, uma geração preparada para o trabalho, controlada para os vícios que considerava mundanos e pecaminosos, na construção de uma sociedade formada na obediência e no cuidado religioso e nas ciências, pela educação.

---

**Resumo:** Este artigo procura apresentar parte da atuação educacional de D. Eliseu Maria Coroli em Bragança, Pará, entre fatos marcantes, intenções e contrariedades. Analisa documentações da primeira metade do século XX em torno da figura do bispo, dados biográficos, jornais e relações sociais, num exemplo local da História da Educação, discutindo o perfil religioso e educativo para entender o seu atual legado.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade, Educação, História, Bragança.

**Abstract:** This article presents part of the educational performance of D. Eliseu Maria Coroli in Bragança, Pará, come in striking facts, intentions and annoyances. It analyzes documentations of the first half the 20<sup>th</sup> century around of the figure of the bishop, biographical data, newspapers and social relations, in a example of the local History of the Education, arguing the religious and educational profile to understand your current legacy.

**Keywords:** Contemporaneous age, Education, History, Bragança.

## Referências

- BARNABITAS NO BRASIL 100 Anos. Belém, SOBRAC – Sociedade Brasileira de Ação e Cultura (Província dos Barnabitas do Norte). Agência Ver Editora, 2003. 140 p.
- BEZERRA NETO, José Maia; GUSMÁN, Décio. (org.) Terra Matura: historiografia e história social da Amazônia. Belém: Paka-Tatu, 2002. 441 p.
- BRAMBILLA, Luciano; MEIRELES, Vera Maria de Barros; SILVA, Leida Almeida da. Vocação. Belém, 2003. 116 p.
- CAMBI, Franco. História Geral da Pedagogia. São Paulo: UNESP, 1999. 701 p.
- COLARES, Terezinha. Presente em nossa vida. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988. 2. vol. \_\_\_\_\_ . O Missionário Feliz. Paragominas: Gráfica e Editora São Marcos, 1997. 359 p.
- GADOTTI, Moacir. História das Idéias Pedagógicas. 8 ed. São Paulo: Editora  tica, 2002. 319 p.
- FALHAUBER Priscila; TOLEDO, Peter Mann de. (org.) Conhecimento e Fronteira: história da ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001. 148 p.
- GADOTTI, Moacir. História das Idéias Pedagógicas. 8 ed. São Paulo: Editora  tica, 2002. 319 p.
- HOBSBAWN, Eric. Tempos Interessantes: uma vida no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 482 p.
- HOORNAERT, Eduardo. História da Igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1977. 2 vol.
- MARIN, Rosa Elisabeth Acevedo. (org.) A Escrita da História Paraense. Belém: NAEA – UFPA, 1998. 136 p.
- MERC S, José Maria Ramos das. Barnabitas 450 anos. Voz de Nazaré, Belém, 22 jan. 1984. Artigo, p. 3.
- MONTESSORI, Maria. A Criança. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. 243 p.
- NONATO DA SILVA, Dário Benedito Rodrigues. Os Donos de São Benedito: conven es e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX. Disserta o de Mestrado. Programa de Pós-Gradua o em História Social da Universidade Federal do Pará. UFPA. Belém: 2006. 202 p.
- PEREIRA, Benedito Cezar. Sinopse da História de Bragança. Belém: Imprensa Oficial, 1963. 182 p.
- RIBEIRO, Maria Luisa Santos. História da Educa o Brasileira. A organiza o escolar. 12 ed. Campinas: Autores Associados, 1998. 138 p.
- ROCHA, Aldo Fernandes. Contributo de Dom Eliseu Maria Coroli para o Sistema Educacional em Bragança-PA. Belém, 2003. 58 p. Monografia de Conclusão de Curso de Gradua o em Ciências da Religião. Universidade Estadual Vale do Acara . Belém, 2003.
- SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.) História e História da Educa o. Campinas: Autores Associados; HISTEDR; 1998. 152 p.
- TRADU O DOS ESCRITOS DE DOM ELISEU recolhido do Arquivo da C ria General cia dos Padres Barnabitas, em Roma, pelo Irmão Gianfranco – Bta. Bragança, 2001. 131 p.
- UMA DATA MEMORAVEL PARA OS BRAGANTINOS. 5 de julho – Lançamento da Pedra do Colégio Santa Teresinha – As Solenidades – Entusiasmo e Regozijo – Teatro de amadores. Jornal O Bragantino. Bragança, 14 jul. 1940. n. 97. Artigo p. 1.

Recebido em 01/12/2011

Aprovado em 10/03/2012